

CONTAR A VIDA ACADÊMICA: MEMORIAIS DE PROFESSORES TITULARES DA PUC-RIO COMO ESCRITAS AUTOBIOGRÁFICAS

Aluno: Reinan Ramos dos Santos

Orientadoras: Margarida de Souza Neves e Silvia Ilg Byington

Introdução.

Desde sua fundação em 1940, a PUC-Rio é uma universidade que enfatiza o desenvolvimento de pesquisas e da ciência no Brasil. Partindo desse projeto consolidado de uma universidade de pesquisa, a PUC-Rio conseguiu reconhecimento e excelência não só no que diz respeito aos cursos de graduação, mas também na pós-graduação.

Por entender que a Universidade deveria construir para si uma memória institucional para a formulação de projetos futuros, a Vice-Reitoria Acadêmica teve a iniciativa de, em 2006, criar o Núcleo de Memória da Pós-Graduação e da Pesquisa na PUC-Rio. O Núcleo tinha como objetivo inicial recolher material de acervos privados e dos diversos Departamentos e órgãos da Universidade, organizá-los, cadastrá-los e publicá-los no site (www.ccpq.puc-rio.br/nucleodememoria/). Em 2008 o Núcleo foi ampliado e passou a tratar de toda a gama de atividades universitárias, graduação e pós-graduação, e tornou-se o Núcleo de Memória da PUC-Rio.

O Núcleo assume a feição de um lugar de memória, no sentido que tal conceito ganha na formulação do historiador Pierre Nora, ou seja, no tríplice sentido de ser um lugar físico de construção da memória, um lugar cuja função é fazer memória e um lugar simbólico da memória institucional da Universidade.

Portanto, através dos seus diferentes usos e serviços voltados à comunidade acadêmica, o Núcleo é reconhecido institucionalmente como lugar de memória e serve de referência para toda a PUC-Rio e para pesquisadores de outras instituições e núcleos de pesquisa.

No Núcleo de Memória da PUC-Rio, é condição primeira o trabalho coletivo, o que se tornou ainda mais possível no ano de 2011, quando obtivemos sala própria no *Edifício Cardeal Leme*, no *campus* Gávea. Sob a coordenação da professora Margarida de Souza Neves e da pesquisadora Silvia Ilg Byington, a equipe é composta, em 2013, pelos pesquisadores Clóvis Gorgônio e Eduardo Gonçalves, pelo fotógrafo Antônio Albuquerque, e pelos bolsistas: Igor Valamiel F. Martins, Luana de Araújo de Souza, Priscila Sobrinho de Oliveira, Helio Cannone, Pedro Fraga Vianna e Reinan Ramos.

O presente Relatório tem como objetivo descrever as atividades desempenhadas por esse bolsista do Núcleo de Memória da PUC-Rio no período de junho de 2012 a junho de 2013. Divide-se em duas partes: a primeira, o Relatório Técnico, de caráter descritivo, relata as atividades realizadas pelo grupo de pesquisa como um todo, que é uma parte idêntica à do Relatório Técnico do também bolsista do Núcleo de Memória Igor Valamiel, e as minhas contribuições individuais ao andamento do projeto; a segunda parte, o Relatório Substantivo, apresenta um texto que consolida o meu trabalho de pesquisa até o momento.

Atividades em equipe.

A equipe do Núcleo de Memória realiza basicamente as seguintes tarefas:

01. Localização e registro de documentação escrita, iconográfica, filmográfica e sonora, direta e indiretamente relacionada ao tema do projeto nos acervos da PUC-Rio;
02. Seleção, coleta e tratamento do material documental;
03. Consulta a professores, pesquisadores, ex-alunos e funcionários administrativos para coleta e aferição de documentos e informações pesquisadas;
04. Identificação de fotografias coletadas e selecionadas para cadastro no acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio;
05. Catalogação e sistematização do material documental através de digitalização e cadastro em metadados no acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio;
06. Revisão de transcrição de entrevistas para suporte de texto digital;
07. Realização de seminários de leitura internos com a participação dos componentes da equipe para discussão de textos teóricos sobre conceitos de Memória, Identidade e História Oral. Esse ano os seminários contaram com a presença da professora Tânia Dauster, do Departamento de Educação e de alunos de pós-graduação de História, Letras e de Educação;
08. Realização de reuniões técnicas semanais com a participação do grupo de pesquisadores e bolsistas, tendo como principais objetivos elaborar projetos, sistematizar a agenda de tarefas, trocar experiências e sanar eventuais dúvidas sobre a rotina de trabalho;
09. Publicação do acervo através do website do Núcleo de Memória da PUC-Rio;
10. Produção e edição de conteúdo, textos e imagens, para publicação no website do Núcleo de Memória da PUC-Rio;
11. Produção do Anuário da PUC-Rio;
12. Produção das Crônicas de Memória publicadas em todas as edições do Jornal da PUC;
13. Manutenção e atualização do website institucional do Núcleo de Memória da PUC-Rio;
14. Atendimento a solicitações relativas à pesquisa no acervo, cessão e autorização de uso de documentos e perguntas sobre temas abordados. As consultas, internas e externas à Universidade, são respondidas diretamente pela equipe ou encaminhadas aos setores responsáveis;
15. Cópias em mídia digital dos documentos solicitados pelos diversos setores da Universidade e externos a ela;
16. Proposta de uma nova disposição para os objetos relativos à história da PUC-Rio conservados em vitrines da Reitoria, e execução de tal proposta;
17. Outras atividades;
 - 17.1. Ida da equipe ao Santuário da Penha, localizado no bairro da Penha no Rio de Janeiro com objetivo de verificar documentos referentes ao “Cruzeiro da Universidade”, inaugurado em 1941, ao lado da Igreja da Penha, em homenagem a fundação da primeira Universidade Católica no Brasil, a PUC-Rio;
 - 17.2. O Núcleo de Memória participou da organização e participou da **Conferência Internacional Memória: América Latina em Perspectiva Internacional e Comparada**, que culminou com a 61ª edição da Caravana da Anistia. O Núcleo de Memória forneceu fotografias de eventos relacionados à presença de alunos e professores da PUC-Rio em eventos políticos durante os anos da ditadura militar dos anos 1960-70, e a profa. Margarida de Souza Neves participou do painel História, Memória e Testemunho no dia 15/08/13;

17.3. Participação de representantes do Núcleo de Memória no **Simpósio de História da Informática na América Latina e Caribe - CLEI XXXVIII**, em Medellín, Colômbia. As profas. Margarida de Souza Neves e Silvia Ilg Byington participaram do evento com a apresentação do artigo *El B-205 en la PUC-Rio. Historia y memoria de la primera computadora para fines científicos en una Universidad brasileña*, escrito em colaboração com o prof. Arndt von Staa (INF).

17.4. Apoio do Núcleo de Memória às comemorações dos 60 anos do Departamento de Comunicação da PUC-Rio, cedendo dados do acervo;

17.5. Produção do Anuário PUC 2012 a ser lançado no segundo semestre de 2013;

17.6. Pesquisa e atualização de dados para a cronologia sobre a PUC-Rio do hot site dos 70 anos, para inclusão no Anuário PUC-Rio 2012 em edição digital;

17.7. Sequência à atividade de pesquisa no acervo da Reitoria da PUC-Rio, em processamento desde maio de 2010;

17.8. Pesquisa de documentação presente na Diretoria de Admissão e Registro (DAR), realizada na sala do PIUES (Programa de Integração Universidade, Escola e Sociedade) e posteriormente na sala L074. A atividade consistia em limpeza e análise do material, com seleção de documentos de importância para a PUC-Rio e indicação de descarte de outros. O conteúdo da documentação é basicamente provas de vestibular e de disciplinas, currículos dos cursos e relatórios;

Atividades individuais: Reinan Ramos dos Santos.

No período que é compreendido por este relatório (junho de 2012 a junho de 2013) realizei as seguintes atividades:

I. Participação na elaboração do Anuário da PUC-Rio de 2011

O Núcleo de Memória ficou responsável pela elaboração do *Anuário* da PUC-Rio de 2011. Os bolsistas receberam algumas tarefas para auxiliar o projeto:

1.1 Preparo de formulários com informações dos Cursos e Departamentos da Universidade. As informações foram recolhidas dos sites das respectivas unidades, da Agenda PUC-Rio 2012 publicada pelo próprio Núcleo de Memória e dos Catálogos de Graduação e Pós-Graduação da PUC-Rio;

1.2 Foram divididas pelos membros da equipe as tarefas necessárias para a elaboração do Anuário, dentre elas fazer lista uma das siglas utilizadas na PUC-Rio, produzir fotografias das equipes de órgãos da Universidade e produção de vídeos para a versão digital do Anuário. Junto com o bolsista Helio Cannone fiquei responsável pela última tarefa listada. Juntos fizemos o levantamento de pessoas que foram entrevistadas e de vídeos já existentes no site da PUC-Rio e produzidos pelo Projeto Comunicar a partir dos temas:

- Implantação da Agenda Ambiental;
- Internacionalização da Universidade;
- Novas Unidades (neste caso entrei em contato com professores e alunos da Unidade de Biologia situada no Parque da Cidade, na Gávea);
- Ensino a Distância (entrei em contato com o aluno José Marcos, do Maranhão, que se graduou em História na modalidade ensino à distância e providenciei o envio de sua entrevista gravada em vídeo, incluída no Anuário);
- Iniciativas comunitárias e culturais dos alunos;

- Prêmios e distinções recebidos;
- Funcionários;
- Dos Projetos Acadêmicos aos Resultados Sociais;
- Saudades (Professores, funcionários e pessoas importantes para a Universidade falecidos no ano de 2011);
- Novos Cursos: Graduação e Pós-Graduação (entrei em contato com o coordenador da graduação em Biologia, instituído em 2011 na PUC-Rio);
- Ação Social;
- Acolhimento aos novos alunos 2011.

II. Publicação no *Jornal da PUC*.

O Núcleo publica no *Jornal da PUC* uma série de artigos intitulada Crônicas de Memória. Em 2012, as crônicas buscavam fazer memória daqueles cujos nomes presidem (edifícios, salas, auditórios, etc). Na edição 261, de 11/10/2012, foi publicado o texto *A Sala Myriam Alonso*, artigo de autoria da Professora Margarida de Souza Neves, para o qual realizei a pesquisa de informações. Já na edição 263, de 05/11/2012, foi publicado o artigo *Para lembrar do Walmer*, escrito em conjunto por mim e pela Professora Margarida, que conta a história da Sala Walmer. Segue o artigo:

Para lembrar do Walmer

Em 1994 um menino transformou a dor da perda de um amigo em lembrança para sempre fixada em um desenho. Fabrício, esse é o nome do menino, saía do colégio e vinha para o Departamento de História encontrar sua mãe, a professora Flávia Eyler. Enquanto esperava a hora da volta para casa, brincava nas salas do Departamento. Foi assim que fez amizade com um adulto chamado Walmer, para ele o companheiro de animadas partidas de futebol jogadas entre cadeiras e mesas cheias de livros.

Naquele ano de 1994, depois de uma longa luta, Walmer, o amigo adulto de Fabrício morreu. O menino sabia que não haveria mais futebol nem brincadeiras. Com a sabedoria das crianças, decidiu pregar uma peça à morte e fazer eterno seu amigo em um retrato surpreendentemente fiel daquele que teve o dom de fazer que suas longas horas de espera se enchessem de alegria.

Walmer Jacintho Soares começou a trabalhar na PUC-Rio em 1978. Foi um professor muito querido e é lembrado como uma presença amiga, um excelente profissional e um homem corajoso diante dos desafios da vida. Para o professor Marcelo Jasmin, era sobretudo "uma pessoa solidária" e "uma personalidade carinhosa e sensível". Para a professora Flávia Eyler, três palavras resumem o que ele foi: "sabedoria, simplicidade e proteção". Para todos os que conviveram com ele, é inesquecível.

No 5º andar do Frings existe uma Sala Walmer. A escolha do nome reflete o impacto de sua morte precoce e o carinho de todos que o conheceram. Hoje, é possível que muitos alunos e alguns dos novos professores e funcionários do Departamento de História não saibam por que a sala ganhou esse nome. Mas Fabrício Eyler, o menino que desenhou o amigo que



Walmer Jacintho Soares (desenho de Fabrício Eyler)

perdera e hoje é doutorando do Departamento de Letras da PUC-Rio sabe muito bem que a sala leva o nome de um grande homem.

Margarida de Souza Neves e Reinan Ramos dos Santos
Núcleo de Memória da PUC-Rio

III. Digitalização e catalogação de documentos

O acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio é constituído através de pesquisa, coleta, seleção, tratamento, catalogação e sistematização de documentos relacionados à memória da Universidade. Por documentos, entendemos não só aqueles que são escritos, mas também imagens, vídeos, entrevistas. Tais documentos são digitalizados e cadastrados em fichas de metadados, como este que segue, a título de exemplo:

Acervos do Núcleo de Memória :: Manutenção dos Metadados	
	Sequencial: « < > »
Código	rr0007
Título	Aula inaugural do Departamento de Letras, com a presença da profa. emérita
Autores/Criadores	ALBUQUERQUE, Antônio
Assunto	
Descrição	Imagens da aula inaugural do Departamento de Letras, no auditório
Identificador	20100506 Aula Inaug.Depto.Letras
Arquivo digital	
Local	Auditório Padre Anchieta, pilotis do Edifício Leme, PUC-Rio
Contribuidores	n.e.
Editor/Publicador	Núcleo de Memória da PUC-Rio
Data da Criação	06/05/2010
Data de obtenção do documento	29/02/2012
Relações do documento com outros	
Natureza do documento	Fotografia COR
Número de Páginas/Tamanho em KB	
Formato do documento	JPEG
Fonte	
Idioma	n.a.
Direitos Autorais	Direitos de uso, reprodução e manuseio reservados à PUC-Rio.
Data de edição	21/03/2012 08:34:21
Criador	reinan

Estes cadastros ficam disponíveis no acervo digital do Núcleo de Memória (www.ccpq.puc-rio.br/nucleodememoria/), e podem ser consultados por qualquer usuário. Cadastrei basicamente fotos da história recente da Universidade, a maioria delas de autoria do fotógrafo Antônio Albuquerque. Cadastrei um total de 35 metadados.

Fiquei também responsável pela digitalização e catalogação da Coleção PUC-Rio, um acervo de documentos reunidos pela Professora Stella Cecília Duarte Segenreich, atual professora da Universidade Católica de Petrópolis. O acervo antes de chegar ao Núcleo, estava alocado no PROEDES (Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade da UFRJ), sendo doado em 2010. Digitalizei mais da metade do acervo.

IV – Preparação de seminários

Durante este ano, como parte das atividades do Núcleo de Memória da PUC-Rio, realizamos mensalmente a leitura de capítulos do livro *Lembrar Escrever Esquecer*, de Jeanne Marie Gagnebin. É uma coletânea de artigos da autora publicada em 2006 pela Editora 34, que para o Núcleo, tem sido importante para refletirmos sobre a atividade do historiador, sobre os conceitos de memória, esquecimento e história.

Em primeiro lugar, fiquei responsável pela preparação do primeiro seminário de leitura, baseado no primeiro capítulo do livro intitulado “A memória dos mortais: notas para uma definição de cultura a partir de uma leitura da *Odisseia*”. Em segundo, fui responsável por enviar os informes e textos dos seminários àqueles que deles iriam participar.



Relatório Substantivo.

**CONTAR A VIDA ACADÊMICA: MEMORIAIS DE PROFESSORES
TITULARES DA PUC-RIO COMO ESCRITAS AUTOBIOGRÁFICAS**

Aluno: Reinan Ramos dos Santos
Orientadoras: Margarida de Souza Neves e Silvia Ilg Byington

I – Introdução.

O presente trabalho pretende analisar uma série de cinco memoriais acadêmicos apresentados por professores que se candidataram a professores titulares da PUC-Rio. A apresentação de um Memorial é um dos requisitos exigidos no processo de promoção àquela que é a mais alta categoria da carreira docente da Universidade. O processo de promoção tem início na Comissão de Carreira Docente dos Departamentos, passa pela Comissão de Carreira Docente dos Centros e culmina na análise e avaliação feitas pela Comissão Central de Carreira Docente, que encaminha ou não a proposta de promoção para professor titular para homologação pelo Conselho Universitário. Dos memoriais conservados nos arquivos da Vice-Reitoria Acadêmica, foram selecionados cinco como documentação principal para esta pesquisa.

A escolha do tema obedeceu a um duplo objetivo, por um lado o de refletir sobre as especificidades da escrita autobiográfica, por outro, o de, ao entender os Memoriais como uma peculiar escrita autobiográfica, buscar nestes as possíveis relações com a história e a memória da PUC-Rio.

Este texto surge como uma tentativa de tratar das questões com as quais me deparei durante a leitura dos memoriais e de textos teóricos de apoio. Nas reuniões de equipe, cada etapa do trabalho foi analisada e discutida. Fizemos em equipe, inclusive, um laboratório de leitura conjunta do memorial do Professor Luiz Fernando Gomes Soares, do Departamento de Informática da PUC-Rio, como um primeiro exercício de análise deste tipo de documento. Isto me possibilitou uma melhor compreensão sobre a natureza desse tipo de documento, sobre questões teórico-metodológicas implicadas no trabalho e sobre as questões que deveriam orientar a leitura e a análise desse tipo de documentação.

Pretendo aqui apontar as primeiras questões suscitadas pela leitura desse tipo de material e iniciar um trabalho de análise dessa documentação, que se desdobrará em etapas posteriores da pesquisa: em primeiro lugar, uma definição da especificidade do material estudado; em segundo, inscrevê-lo no campo de reflexão sobre a escrita autobiográfica e apresentar posições teóricas sobre o tema da autobiografia e suas possíveis relações com os Memoriais, e por último, apresentar mais questões que se apresentaram durante a leitura dos Memoriais sobre suas relações com a história e a memória da PUC-Rio e com o tema da função social do professor.

II – A especificidade do Memorial Acadêmico.

A escolha dos memoriais para a pesquisa não foi aleatória. Ao tentar dar conta das áreas científicas em que a PUC-Rio atua, foram escolhidos para a análise cinco memoriais. Foram estabelecidos alguns critérios para esta seleção. Com base na divisão administrativa e acadêmica da Universidade, selecionei para a pesquisa memoriais de professores datados entre 1981 e 2003, que estão em atividade atualmente na PUC-Rio, que tiveram sua trajetória acadêmica como discentes e como docentes nesta Universidade e que representem os três Centros da PUC-Rio que mantêm atividades sistemáticas de graduação e pós-graduação. Por esse último critério, o CCBM (Centro de Ciências Biológicas e Medicina) não entrou na amostragem do trabalho.

Do Centro Técnico Científico selecionei o memorial do professor do Departamento de Física Luiz Carlos Scavarda do Carmo (sem data), atual Vice-Reitor Administrativo, e do professor do Departamento de Informática Luiz Fernando Gomes Soares (2003). Do Centro de Ciências Sociais, foi selecionado apenas um Memorial, o do professor do Departamento de Economia Marcelo de Paiva Abreu (1989), em função do fato de que, entre os anos que balizaram a pesquisa, apenas dois dos professores do CCS que estão em atividade tornaram-se professores titulares, um dos quais, o professor Roberto Da Matta, que não foi discente da PUC-Rio e ingressou em seus quadros após longa carreira na UFRJ, o que faz que seu Memorial fuja aos critérios fixados, ainda que possa vir a ser utilizado, em etapa posterior, para efeitos comparativos. E do Centro de Ciências Humanas e Teologia, foram selecionados os memoriais do professor do Departamento de Filosofia Danilo Marcondes Filho (1996), atual Assessor Especial da Reitoria, e da professora do Departamento de Educação Vera Ferrão Candau (1981).

É importante frisar que estes memoriais não estão disponíveis para consulta pública. A autorização dada para consultar os documentos veio da Vice-Reitoria Acadêmica, que os possui em seu arquivo, foi em função do trabalho do Núcleo de Memória.

Para refletir sobre a especificidade dos memoriais acadêmicos dos professores da PUC-Rio, foi analisado, a título de comparação e porque traz uma reflexão sobre o significado dos Memoriais apresentados para a obtenção da titularidade, o Memorial da professora Magda Becker Soares, que é professora titular, livre-docente e emérita da Universidade Federal de Minas Gerais onde atua na área de Educação há mais de 50 anos. Em 1990, o Memorial que escreveu para receber a titularidade na UFMG foi publicado em livro pela Cortez Editora, com o título de *Metamemórias – Memória. Travessia de uma Educadora* no qual ela faz um belo estudo sobre sua trajetória como docente. Magda Soares assinala em seu Memorial que ao participar da reformulação dos ordenamentos básicos do Conselho Universitário da UFMG, no que dizia respeito ao corpo docente, foi entusiasta da introdução de um Memorial como requisito para a promoção do professor universitário à categoria docente de titular [1].

Segundo Magda Soares, ser Professor Titular é o último degrau da carreira acadêmica. Ao defender a exigência de um Memorial como requisito para a titulação, afirma que somente ao “fazer uma tese cujo objetivo é a própria vida acadêmica” [2] o professor ultrapassa a simples enumeração do que foi feito, a mera listagem dos inúmeros congressos e bancas das

quais participou, como no *curriculum vitae*, e analisa, critica e justifica aquilo que fez. Afirma que só quem pode escrever um memorial são aqueles que têm um “passado acadêmico” para contar, e “só a esses deveria ser oferecido o acesso ao último degrau da carreira docente universitária” [3]. Portanto, ao supor que a vida acadêmica do professor que intenta a titularidade é uma história, o objeto do Memorial torna-se esta **vida acadêmica**, o que faz dos Memoriais peculiares escritas autobiográficas, cuja chave é a trajetória acadêmica e o objetivo é mostrar a uma comissão de pares que está em condição de ascender ao lugar mais proeminente da carreira docente universitária.

Nos memoriais analisados, percebe-se por parte dos professores o compromisso com uma análise crítica de suas vidas acadêmicas. Além de ser uma das exigências do processo de promoção à titularidade, o Memorial é uma oportunidade de olhar para o passado e traçar o percurso que o levou até o ponto onde está. É o momento de analisar quais foram os acontecimentos importantes desta vida, que também é acadêmica, mas que está atravessada pela vida pessoal do professor e por sua compreensão da função social da tarefa universitária.

Em um destes memoriais é nítida uma preocupação com este estudo crítico, esta análise da carreira acadêmica. Cito o Professor Luiz Carlos Scavarda do Carmo, em uma das sessões de seu memorial que ele denomina “Um memorial”:

“Um memorial é um esforço autobiográfico difícil, é um interessante exercício de reflexão sobre a própria carreira, da razão de ser de nossos passos profissionais, de nossas vontades e ilusões, mas é também um curioso exercício de auto-avaliação, de análise das oportunidades que se nos apresentaram, do reconhecimento das pessoas que exerceram influências sobre nós e da nossa compreensão do mundo e de suas mudanças.

[...]

“Este memorial é um estudo crítico da carreira de um professor-pesquisador no Brasil dos últimos 30 ou 35 anos visto pelos seus próprios olhos e marcado pela sua própria avaliação do ambiente universitário brasileiro e, em particular do da PUC-Rio.” [4]

Este trecho nos fornece algumas pistas do que tomarei por Memorial nesta pesquisa. Seu autor afirma que o Memorial que pretende escrever é “um esforço autobiográfico”. Por que um esforço autobiográfico? O que configura um esforço autobiográfico? Estas perguntas implicam na reflexão sobre o estatuto do gênero autobiográfico e na questão da possibilidade de inscrever os Memoriais acadêmicos neste gênero.

III – Os Memoriais Acadêmicos como Autobiografias.

Um dos maiores estudiosos sobre a escrita autobiográfica na atualidade é Philippe Lejeune. Seu ensaio mais importante, intitulado *O Pacto Autobiográfico*, publicado em 1975, nos fornece algumas informações sobre a especificidade da escrita autobiográfica e algumas proposições teóricas relevantes para a reflexão sobre o tema aqui estudado.

Lejeune inicia seu texto exprimindo sua intenção de estabelecer uma definição para o gênero autobiográfico, diferente da biografia, do romance pessoal, do diário íntimo, e de outros vários tipos de escrita de si. Para estabelecer esta definição, ele se coloca antes de tudo na posição de **leitor**, a única que para nosso autor, e para nós, permite “captar mais claramente o funcionamento dos textos (suas diferenças de funcionamento), já que foram escritos para nós, leitores, e é nossa leitura que os faz funcionar” [5]. Também afirma que partiu de uma série de oposições entre as várias escritas de si para tentar definir a autobiografia, e diferenciá-la neste conjunto. O autor chega à seguinte definição:

“DEFINIÇÃO: narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade.” [6]

Ele especifica mais ainda: a autobiografia deve ser uma narrativa em prosa, na qual o assunto tratado deve ser a vida individual ou a história de uma personalidade; a identidade do autor deve ser a mesma do narrador e este narrador, que deve ter a mesma identidade do personagem principal, conta a vida a partir de uma perspectiva retrospectiva [7]. Para Lejeune estes são os elementos que diferenciam a autobiografia de outros gêneros de escrita de si.

À primeira vista, as definições de Lejeune soam um pouco normativas, como se não houvesse nenhuma flexibilidade para incluir nelas outras formas de discursos autobiográficos. Seguindo este esquema, os Memoriais ficariam de fora da definição feita por Lejeune do que é autobiografia. Mesmo contendo alguns dos elementos constitutivos da autobiografia o Memorial não completa o quadro proposto por Lejeune. O Memorial acadêmico não conta a vida individual ou a história de uma personalidade. Diferenciando-se da autobiografia tradicional, no Memorial conta-se o percurso profissional, que está carregado da história do meio acadêmico ao qual o professor pertence. O objeto do Memorial é a **vida acadêmica** daquele que o escreve. É, por exemplo, o “percurso para a filosofia” [8] de Danilo Marcondes, ou o “caminhar pela área de informática” [9] de Luiz Fernando Soares que está em jogo.

Entretanto, Lejeune deixa algumas brechas para a interpretação do que também pode ser considerada uma autobiografia. De um lado, na abertura do texto ele indica que a posição de **leitor** é a mais adequada para interpretar os textos, e de outro ele afirma que “uma certa latitude é dada ao classificador no exame de casos particulares” [10], casos estes entendidos como outros tipos de escritas de si que não se encaixariam na definição por ele proposta. Em outras palavras, esta brecha permitiu pensar no caso do Memorial acadêmico (segundo minha posição de leitor e de classificador), tal como escreveu Scarvarda: “um esforço autobiográfico [ou] um estudo crítico da carreira de um professor” [11] e, no limite, uma **autobiografia acadêmica**.

Entendendo que o Memorial é uma narrativa da trajetória acadêmica daquele que busca a titularidade, ou seja, uma autobiografia acadêmica, através deles podemos entender melhor a noção de **ato autobiográfico** que Contardo Calligaris, cientista social e psicanalista italiano radicado no Brasil, traz para o debate sobre o gênero da autobiografia. Calligaris, assim como Lejeune, também está envolvido no debate sobre o estatuto da produção autobiográfica, porém, diferente de Lejeune, não se nota uma preocupação com uma definição

rígida do gênero autobiográfico em sua reflexão, mas sim uma tentativa de aproximação deste com a noção de “ato autobiográfico” proposta pela crítica literária norte-americana Elisabeth Bruss [12].

Em seu texto *Verdades de Autobiografias e Diários Íntimos*, publicado pela revista Estudos Históricos, Calligaris faz uma reflexão histórica sobre o surgimento do ato autobiográfico e situa seu início no advento do indivíduo moderno. Enxergar a vida como uma aventura, uma trajetória individual é um fenômeno historicamente e culturalmente moderno que não existiu desde sempre. A (auto)biografia só passa a ser pensada quando se começa a enxergar a vida como uma história individual. Em suas palavras, “a autobiografia vem a existir como gênero quando a vida de cada um, a experiência de vida, já é uma autobiografia, antes mesmo que seja escrita ou não” [13].

Esta noção de “ato autobiográfico” englobaria de forma mais ampla, e menos exclusiva, uma gama maior de produções autobiográficas, inclusive as que não estão escritas ou publicadas, pois a noção de ato abarca também a fala e outras formas de expressão. Segundo a interpretação de Calligaris, “o ato autobiográfico [...] não é nenhuma metalinguagem da vida, por assim dizer. A vida do sujeito moderno já é um ato narrativo.” [14] A vida em si já é um texto, necessitando apenas de um “editor”, que “não é o editor no sentido português da palavra; tampouco ele escreve; ele é aquele que rearranja ou melhora o que já é um texto” [15]. É notável sua preocupação com a importância da ideia de que a autobiografia é a própria forma de ver a vida moderna e não simplesmente a sua escrita. Ao longo do texto as expressões “escrita de si” ou “escrita do eu”, recorrentes nas reflexões e definições sobre a (auto)biografia, nem ao menos são explicitadas.

Com base nesta noção de ato autobiográfico, pode-se supor que a vida acadêmica já é si um texto e que o Memorial é o momento de rearranjar os acontecimentos, de editar em forma de texto o que foi feito nesta vida. Seguindo mais uma vez a reflexão de Magda Soares, a exigência deste Memorial já supõe que o professor que busca a titularidade tenha uma vida acadêmica para contar passível de algum tipo de representação, neste caso escrita. Em outras palavras, a ato autobiográfico da escrita do Memorial é uma representação possível de uma vida acadêmica que já existe.

Em seu texto *A Ilusão Biográfica* Pierre Bourdieu concorda com Calligaris ao afirmar que “falar de história de vida é pelo menos [...] pressupor que a vida é uma história” [16]. A partir de sua análise, pode-se notar a ideia que o ato autobiográfico é um esforço de apresentação de si [17], que é um bom ponto de partida para pensarmos a função última e até mesmo burocrática do Memorial. Para Bourdieu, “tudo leva a crer que o relato de vida tende a aproximar-se do modelo oficial da apresentação oficial de si”, como o *curriculum vitae*, ou a carteira de identidade [18]. Neste sentido, o Memorial acadêmico é um ato autobiográfico que tenta criar um sentido para a vida de forma artificial [19], pressupondo que esta vida já é uma história *a priori*, e é uma apresentação oficial de si, neste caso, a do professor. É apresentação mas também representação escrita da vida acadêmica para um público, que no caso do Memoriais é restrito à banca examinadora do concurso de titularidade.

É importante localizar o lugar de fala de cada um destes autores aqui apresentados. Suas concepções e formulações sobre o gênero da (auto)biografia vêm de diversas áreas do conhecimento. Philippe Lejeune, por exemplo, é um filósofo francês especialista em autobiografias, tendo dedicado toda a sua vida ao estudo e análise deste tipo de discurso. Contardo Calligaris é um psicanalista italiano, radicado no Brasil, formado em Letras e Teoria Literária. Além de Pierre Bourdieu que é um sociólogo também francês. A análise teórica destes Memoriais seguiu, portanto, uma perspectiva interdisciplinar, porém manteve sempre um olhar atento à História e a partir da História.

IV – Os Memoriais analisados: denominadores comuns.

A leitura dos Memoriais tornou possível identificar alguns pontos em comum entre eles, principalmente entre aqueles em que uma aproximação crítica da carreira acadêmica pode ser percebida de forma mais nítida. Um dos critérios para a escolha destes Memoriais foi o de que todos os professores-autores dos Memoriais tivessem vivido sua trajetória acadêmica prioritariamente na PUC-Rio. Mesmo com a saída ao exterior para mestrados e doutorados, estes professores sempre voltaram para a PUC-Rio. A PUC-Rio aparece, inclusive, no Memorial do Professor Scavarda como sua “*Alma mater*” [20], expressão latina que significa “mãe que gera e nutre” e que se refere às Universidades em seu papel formativo. Este é um primeiro denominador comum: todos os professores-autores dos Memoriais selecionados têm sua carreira acadêmica marcada pela trajetória na PUC-Rio. Esse foi um critério de seleção em função do interesse do Núcleo de Memória em aprofundar a visão desses professores, em tese, os mais qualificados de Universidade, sobre a PUC-Rio, seu papel formativo, suas características e diferenciais como universidade e sua função social.

Um segundo ponto em comum é a explicitação dos desafios, e mesmo dos conflitos que marcam a trajetória acadêmica de cada um e sua relação direta com a história da PUC-Rio, sobretudo no que diz respeito ao exercício de cargos e funções na administração acadêmica. Todos os professores-autores dos Memoriais tiveram papéis importantes dentro da administração da Universidade. Em pelo menos três Memoriais, pode-se notar que estes professores-autores assumiram cargos desde as coordenações departamentais de suas áreas de atuação até cargos como o decanato de Centros e Vice-Reitorias. E todos os Memoriais analisados destacam a participação de seus autores nos órgãos colegiados da Universidade. O professor Danilo Marcondes assinala em seu Memorial a experiência administrativa que adquiriu durante sua trajetória na PUC-Rio:

“O Departamento de Filosofia da PUC havia passado, no momento de meu retorno do doutorado, por uma grave crise, que resultou na saída de alguns de seus professores mais antigos e qualificados. Tínhamos então a missão de reerguer o departamento e, sobretudo o curso de pós-graduação que sempre fora muito bem conceituado. Isso trouxe ao corpo docente uma grande responsabilidade, bem como uma grande carga de trabalho, com cursos, orientações de monografias e dissertações, etc. Em 1981 passei a professor de tempo integral, como professor assistente, e em 1982 assumi a coordenação de pós-graduação. Fui também eleito para o Conselho Departamental do CTCH e, um pouco depois, tornei-me representante do Centro no Conselho de Ensino

e Pesquisa. Essas novas funções revelaram-me a importância da participação do corpo docente na gestão da universidade e nos órgãos colegiados, abrindo-me uma nova perspectiva sobre a vida da universidade, sua estrutura e seu funcionamento, suas dificuldades e lutas para levar adiante seu projeto acadêmico de excelência no ensino integrado à pesquisa.” [21]

Ao escrever sobre sua experiência de administração acadêmica, o Professor Danilo Marcondes permite inferir a importância de sua atuação para a consolidação e revitalização dos programas de pós-graduação de seu departamento. Marcondes inclusive ressalta que o Mestrado em Filosofia passou a ser recomendado novamente pela CAPES em sua administração, e que nela propôs a implantação do Doutorado em Filosofia, também recomendado pela CAPES [22]. É também um aspecto que aparece no Memorial da professora Vera Candau. Ao perceber que no Brasil havia um baixo nível na formação de educadores, Candau assinala em seu Memorial que

“Durante os anos em que fui Diretora do Departamento de Educação da PUC/RJ (70-72; 73-75), esta foi uma tônica do trabalho que procurei realizar. Quando assumi a direção em 1970, o primeiro esforço foi o de consolidar sua existência através da revisão dos currículos de graduação e pós-graduação, promoção de uma política de aperfeiçoamento do corpo docente, criação de uma coordenação de pesquisa e ampliação das instalações físicas.” [23]

Este é um segundo ponto em comum: a importância da experiência administrativa que a trajetória na PUC-Rio legou a estes professores-autores e o entendimento que esses professores têm do exercício de cargos administrativos como participação na viabilização do projeto acadêmico da PUC-Rio.

A importância acadêmica destes professores para seus departamentos pode ser vista em seus próprios Memoriais. Em todos eles, mesmo que isso esteja oculto pela discrição de cada um deles em relação a seu protagonismo, é possível inferir o caráter pioneiro desempenhado por cada um desses professores, em especial no que diz respeito aos seus programas de pós-graduação, à consolidação de atividades de pesquisa da Universidade ou a inovações em suas respectivas áreas.

Um outro aspecto em comum pode ser notado: todos eles creditam seu crescimento acadêmico e até mesmo pessoal e sua contribuição para o desenvolvimento de seus departamentos ao fato de terem saído do Brasil em algum momento de sua trajetória para cursarem seu mestrado ou doutorado.

É o que faz, por exemplo, o relato da professora Vera Candau. Ela afirma “ao terminar a licenciatura [em Pedagogia na PUC-Rio] me foi oferecida pelo então Reitor, Pe. Arthur Alonso, S.J., bolsa de estudos para realizar um Curso de Especialização em Psicopedagogia na Universidade Católica de Louvain (Bélgica)” [24] o que possibilitou “um aprofundamento na área de Metodologia Didática, assim como a consolidação de uma formação filosófica básica, indispensável a investigação dos problemas educativos” [25]. Ao falar sobre a pós-graduação em Educação no Brasil, assinala que “o Curso de Mestrado em Educação com

áreas de Concentração em Planejamento Educacional e Aconselhamento Psicopedagógico, funcionou desde 1966, tendo sido o primeiro criado na área no país. No entanto, em 1970, nenhuma tese havia sido defendida e o curso não estava credenciado pelo Conselho Federal de Educação. Em 1970, foi criada a área de habilitação em Métodos e Técnicas de Ensino. Em 1971, o curso foi credenciado pelo Conselho Federal de Educação (o primeiro do país) e a primeira tese foi defendida”. [26] A importância, no período de formação daqueles professores, quando os programas de pós-graduação do país ainda não estavam consolidados, de haver profissionais formados no exterior para a consolidação da PUC-Rio como uma universidade de pesquisa e na qual os programas de pós-graduação fossem pioneiros no país.

Este é um terceiro denominador comum: a influência decisiva que a experiência acadêmica fora do país teve na consolidação da carreira acadêmica desses professores e, como consequência, em sua atuação para a consolidação da PUC-Rio como uma universidade de pesquisa e pós-graduação reconhecida nacional e internacionalmente. Este denominador comum aponta, inclusive, para uma das questões centrais desta pesquisa que é identificar como a história PUC-Rio aparece nos Memoriais, e como esta se traduz na memória destes professores-autores. Este ponto será desenvolvido em etapas futuras da pesquisa.

Um quarto ponto em comum entre os Memoriais é a evidência da importância da função que o professor tem para a sociedade. Em pelo menos quatro Memoriais é explícita esta preocupação por parte dos professores-autores de afirmar que seu trabalho é feito não apenas para dentro da academia, mas que têm a intenção de promover benefícios à sociedade em geral. O professor Scavarda afirma que ao assumir o Departamento de Física em 1991, decidiu “criar um novo ambiente para uma nova interação do departamento. Era o Programa de Integração Universidade Escola e Sociedade – PIUES” [27]. Segundo Scavarda, esta interação foi concebida para aproximar o Departamento de Física dos problemas da educação pré-universitária, de seus professores e alunos, e é para ele onde o “grande nó de nossa sociedade” [28] está.

No Memorial do Professor Danilo Marcondes é possível notar interesse semelhante. Quando volta ao Brasil, após a conclusão de seu doutorado na Inglaterra, Danilo assinala que pretende desenvolver seu trabalho em duas direções; uma delas era preparar “textos de natureza introdutória, visando sobretudo o estudante de filosofia ou de outras áreas com interesse em filosofia, um trabalho portanto, mais de caráter de divulgação” ou seja, com intenção de intervir na sociedade, e o que para Marcondes “parece extremamente importante em nosso contexto, em que não temos ainda uma tradição filosófica consolidada.” [29] Seu objetivo, portanto, com a produção de textos introdutórios na área de filosofia é propagá-la para um público mais amplo.

A preocupação com o âmbito social é também uma constante no Memorial do Professor Luiz Fernando Soares. Ao concluir seu Memorial e apontar os planos para o seu futuro profissional, Luiz Fernando afirma que pretende manter “o mesmo perfil de fortemente correlacionar [suas] atividades de ensino com as de pesquisa, e, sempre que possível dar-lhes algum engajamento social.” [30] Seu objetivo é claro: ao falar sobre “um grande projeto cujo objetivo principal é a implementação de uma infraestrutura para produção distribuída de

programas de TV, a chamada Rede de Produção Cooperativa de Vídeo” [31], Soares assinala que o projeto

“visa à construção de uma rede de estúdios multimídia como o primeiro passo para que as iniciativas nas áreas de cultura, da suplementação escolar, da profissionalização e da inclusão digital, encontrem ressonância. Os estúdios deverão prover aos moradores das regiões envolvidas, e adjacências – especialmente da juventude – acesso a seus recursos, permitir aos moradores que sua produção cultural seja registrada e divulgada, tanto localmente quanto para o público em geral, e, finalmente, promover a formação e inserção profissional de seus usuários no mercado de trabalho [...]” [32]

No caso dos Memoriais dos professores Vera Candau e Marcelo de Paiva Abreu, o impacto social de suas atuações deve ser inferido de seus currícula, tanto pelos temas de suas publicações, pesquisas e orientações quanto pelo alcance e impacto de sua carreira acadêmica. E as Comissões de Carreira Docente bem como as bancas examinadoras certamente conheciam de sobra o significado da professora Vera para a área de Educação em todo o país, para a ação em defesa dos direitos humanos e para os estudos sobre multiculturalismo, da mesma forma que conheciam perfeitamente a importância da atuação do professor Marcelo na esfera pública, sua participação na formulação de políticas econômicas e sua ação no BID e na FINEP.

Em todos os casos, explícita ou implicitamente, nota-se um objetivo social por parte dos professores-autores dos Memoriais. Suas pesquisas, seus projetos e propostas, além do objetivo acadêmico, visam à interação, por um lado, entre Universidade e sociedade, e por outro, entre o próprio Professor e a sociedade. Este é o quarto ponto em comum que pode ser observado nos Memoriais e é também outra questão central da pesquisa: buscar nos Memoriais de que maneira os professores-autores concebem sua função social como professores e como isto se reflete na história da PUC-Rio. É também este um ponto a ser desenvolvido em etapas futuras da pesquisa.

V – Singularidades e comparações.

Após apontar alguns denominadores comuns entre os Memoriais, é preciso fazer o caminho inverso, ou seja, a identificação de suas singularidades e possíveis diferenças em seu conjunto. O exercício de comparação em História, além de apontar as semelhanças, visa também ao aprofundamento das diferenças.

Dos cinco Memoriais escolhidos para a pesquisa e análise, em função desta intenção de estabelecer as singularidades de cada um, tornou-se necessária uma classificação dos mesmos em dois grupos: no primeiro, composto por três Memoriais, podemos notar que os professores utilizam-se da ocasião da necessidade de escrita do Memorial para fazer uma análise crítica de suas vidas acadêmicas; no segundo grupo, composto por dois Memoriais, é possível observar que os professores-autores prioritariamente tecem comentários relativos ao que é registrado em seu *curriculum vitae*. Em seu Memorial, inclusive, o Professor Marcelo Paiva de Abreu indica que o seu texto – e isso se comprova na leitura do mesmo – “deve ser

lido tendo-se em mãos o currículo do candidato” [33], para que dessa maneira a leitura faça mais sentido.

Esta classificação é importante para identificar uma diferença clara no conjunto dos Memoriais. Ao restringirmos a análise ao primeiro grupo, é possível notar um traço de personalidade praticamente inexistente no segundo grupo. Os autores dos Memoriais do primeiro grupo falam de sua família, de suas dificuldades nos primeiros anos de vida acadêmica, das indecisões teóricas que os desafiaram durante anos, enfim, podemos ali enxergar de forma mais pessoal estes professores e suas trajetórias. Esta diferença entre os dois grupos se encontra, portanto, na forma de sua escrita, e nas escolhas narrativas feitas por cada um. Uma das surpresas da pesquisa deu-se ao notar que os dois Memoriais dos professores da área de Ciências Exatas, em princípio acostumados a escrever textos mais duros e menos afeitos à narratividade e à personalidade, mantêm de forma mais viva esse traço de personalidade na escrita.

Uma singularidade destes Memoriais, que permite inclusive comparações com outras formas de escrita autobiográfica, é o fato de não estarem destinados a ser uma autobiografia publicada. Diferente do caso do Memorial de Magda Soares, que inclusive é utilizado como material para cursos na área de Educação [34], os Memoriais aqui estudados são restritos a um público específico: as Comissões de Carreira Docente, o Conselho Universitário e a banca examinadora. Esta singularidade se reflete na própria forma dos Memoriais. De um lado, saber *a priori* que esta escrita de si não será publicada, pode acarretar na acentuação do traço de personalidade, e no Memorial o professor-autor de fato conta sua vida acadêmica. De outro lado, pode causar o efeito inverso: ao ter a consciência de possuir uma carreira conhecida dentro da Universidade e fora dela, este professor-autor busca ao máximo sair de seu texto, propondo inclusive que ele seja lido com seu *curriculum* em mãos. Esta hipótese pode ser reiterada quando da leitura de um Memorial que não foi analisado aqui por não se adequar aos critérios de delimitação temporal da pesquisa, mas que pode ajudar na compreensão desse aspecto. Ao escrever seu Memorial, este professor-autor abre o texto afirmando que

“Provavelmente, o objetivo de um memorial seja forçar quem o escreve a refletir acerca das atividades acadêmicas [...] que vem desenvolvendo ao longo de sua vida. Decerto não se deseja um auto louvor, mas sim, que se forneça parâmetros objetivos de desempenho que possa, justificar uma promoção a Professor Titular, ponto maior da carreira universitária. É dentro desta ótica que procurei escrever meu Memorial. Sendo objetivo, procurando evitar a falsa modéstia, fugindo dos lugares comuns.”

E fecha seu texto afirmando que

“Como já frisei no início, procurei ser breve; na PUC já sou bem conhecido e meu Curriculum, meus alunos e colgas podem falar de mim”.

[...]

“Enfim, acho que já sou, de fato, um Professor Titular.” [35]

Talvez, excluída a afirmação final, este seja o pensamento daquele que escreve o seu Memorial excluindo qualquer traço de personalidade. Não há sequer marca retórica, pois o professor-autor não precisa falar de si mesmo, a comunidade científica na qual ele está inserido fala por ele. Sua experiência e seu *curriculum* são o suficiente para que a banca examinadora conheça sua vida acadêmica e entenda que ele já é **de fato** um Professor Titular. O Memorial, nesse caso, poderia ser uma mera formalidade para alguns. Talvez os currículos apresentados sejam suficientemente eloquentes por si mesmos. E seus autores saibam que seus leitores sabem de sobra o significado e o alcance de suas publicações, das pesquisas desenvolvidas e dos trabalhos acadêmicos por eles orientados. Para outros, no entanto, a escrita do Memorial é uma ocasião de reflexão sobre si mesmo, sobre sua trajetória acadêmica e sobre o lugar da instituição onde se formaram e atuam nessa trajetória individual e em sua repercussão social. Para outros ainda, o fazer de seu *curriculum vitae* a pauta única de seu Memorial, evitando toda marca de personalidade, pode ser uma marca de discrição, tanto mais que os autores dos dois Memoriais que mais se aproximam desse modelo são reconhecidos por sua excelência nas suas respectivas áreas não apenas na PUC-Rio, mas são referências nacionais e são também internacionalmente reconhecidos.

Uma das características narrativas do conjunto de Memoriais analisados, e certamente uma de suas maiores riquezas, é que não seguem um modelo único. O aprofundamento das diferenças entre esses peculiares escritos autobiográficos deverá ser o objeto de uma fase posterior do trabalho de pesquisa.

VI – Conclusões.

Este texto é o resultado de uma primeira fase da pesquisa, o que configura a impossibilidade do apontamento de conclusões definitivas, sendo possível apenas a exposição das conclusões parciais desta etapa. As conclusões parciais foram:

01. A partir das leituras teóricas, os Memoriais passaram a ser entendidos como **autobiografias acadêmicas**, ou seja, narrativas da história da vida acadêmica daqueles professores que intentam a posição de Professor Titular da PUC-Rio. O momento no qual o professor, que ao escrever o Memorial se torna autor e narrador, pode fazer um estudo crítico de sua trajetória acadêmica;

02. Os Memoriais passaram também a ser entendidos como uma das várias formas de **atos autobiográficos** que visam à apresentação oficial de si diante das Comissões de Carreira Docente e da banca examinadora do concurso de obtenção da titularidade;

03. A partir da análise dos Memoriais pôde-se empreender um esforço comparativo e notar, em uma primeira aproximação, a presença de pontos em comum entre eles. Em todos os Memoriais, a PUC-Rio tem grande importância na carreira acadêmica dos professores-autores, na compreensão da função social dessa carreira. As experiências em cargos administrativos dentro da Universidade tiveram papel de destaque em todas as narrativas e a saída do Brasil para concluir etapas da vida acadêmica implicou na consolidação de suas áreas de atuação e em influência significativa na sociedade;

04. Notou-se uma diferença significativa na forma narrativa dos Memoriais, sendo possível distinguir, grosso modo, dois grupos. O primeiro grupo é formado por textos, nos quais os professores-autores utilizam a marca narrativa da personalidade e fazem de fato uma análise crítica de suas carreiras. No segundo grupo, estão os memoriais em que os professores-autores parecem evitar a marca da personalidade para preferir fazer de seus Memoriais um comentário de seus *curricula vitarum*.

Referências

1 – SOARES, Magda. **Metamemórias – Memória**. Travessia de uma Educadora. São Paulo: Cortez Editora, 1990. p. 25.

2 – *Idem. Ibidem.*

3 – *Idem. Ibidem.*

4 – CARMO, Luiz Scavarda do. **Memorial**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, s.d., p. 1.

5 – LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico. IN: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.). **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 14.

6 – *Idem. Ibidem.*

7 – *Idem. Ibidem.*

8 – MARCONDES, Danilo. **Memorial**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1996. p. 2.

9 – SOARES, Luiz Fernando Gomes. **Memorial**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003. p. 1.

10 – LEJEUNE, Philippe. op. cit., p. 15.

11 – CARMO, Luiz Scavarda do. op. cit., p. 1.

12 – CALLIGARIS, Contardo. Verdades de Autobiografias e Diários Íntimos. IN: **Revista Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, p. 43-58. 1998.

13 – *Idem.* p. 48.

14 – *Idem.* p. 50.

15 – *Idem.* p. 51.

16 – BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica.” IN AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta M. (orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. p. 183.

17 – *Idem.* p. 188.

18 – *Idem. Ibidem.*

19 – *Idem.* p. 185.

20 – CARMO, Luiz Scavarda do. op. cit., p. 1.

21 – *Idem. Ibidem.*

22 – MARCONDES, Danilo. op. cit., p. 8-9.

23 – CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Memorial.** Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1981, p. 3.

24 – *Idem.* p. 1.

25 – *Idem. Ibidem.*

26 – *Idem.* p 3.

27 – CARMO, Luiz Scavarda do. op. cit., p. 12.

28 – *Idem. Ibidem.*

29 – MARCONDES, Danilo. op. cit., p. 6.

30 – *Idem. Ibidem.*

31 – SOARES, Luiz Fernando Gomes. op. cit., p. 13.

32 – *Idem.* p. 14.

33 – ABREU, Marcelo Paiva de. **Memorial.** Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1989. p. 1.

34 – SOARES, Magda. op. cit., p. 12.

35 – S., R. **Memorial.** Rio de Janeiro: PUC-Rio, s.d. p. 5.